Conceitos e Fatos Históricos

4

Primeira Viagem Portuguesa ao Maranhão e Explorações da Costa Oriental

Guarino Alves de Oliveira

> Em 1503 veio de fato uma frota de seis embarcações, reduzidas logo à metade pelo naufrágio da capitânia, junto à ilha depois chamada Fernão de Noronha, e pela defecção de Vespucci, de quem o continente deveria tomar o nome. Talvez algum dos navios restantes iniciasse a exploração do cabo de S. Roque à procura do Equador. De certo nada se sabe; no mencionado trecho da costa escaparam ao esquecimento apenas alguns nomes, como o de João de Lisboa, João Coelho e Corso, desacompanhados de qualquer informação.
>
> **J. Capistrano de Abreu**

Sair no encalço de **Gonçalo Coelho** é força de expressão. Nenhum documento menciona-o como explorador da costa setentrional. Demais, a acreditar em Vespucci o Capitão-mor morrera no naufrágio. A não ser que se salvara passando para um dos navios remanescentes. Seja como for, não se encontrava entre os tripulantes salvos pelo barco regressado a Fernão de Noronha. Todavia, o cronista Damião de Góis menciona Gonçalo Coelho como Capitão-mor, e a nomenclatura do mapa de Reinel na costa supracitada combina com os sucessos do

– Atol das Rocas. Posto à margem esse "nó gordio" fica ainda o problema do topônimo **João de Lisboa** no golfo maranhense, possivelmente o mesmo Gonçalo Coelho ou **João Gonçalo Coelho** apelidado **de Lisboa**. De qualquer modo, se a nomenclatura em apreço diz respeito a uma continuação da viagem de 1503, tudo parece indicar que as caravelas estiveram em Guamoré e prosseguiram para o Noroeste. A propósito, lembro, aqui, a **tierra de paizo** do mapa de Diego Ribeiro, 1529, topônimo ao oeste de Guamoré. Pode muito bem ser lembrança da navegação a esmo dos navios de Coelho antes do desembarque em Guamoré. Uma lembrança do episódio, como também uma lembrança é o **R:. de Vicente Pison** com relação ao rio Camucim no Ceará. Os **baxos de Juã de braga**, pontilhado que abrange litorais de Touros no sentido de Nordeste poderiam ser uma vaga referência ao naufrágio de Coelho no Atol das Rocas. Mal informado, Diego teria confundido João **de Lisboa** com João **de Braga**, e os baixos do Atol com os do Cabo de S. Roque. Mas, a terra de **Pairo** não quer dizer "a terra das praias" como pretende Th. Pompeu Sobrinho. **Pairo** significa "flainar" ou procurar algo. Damião de Góis falando do desaparecimento da nau de Luís Pires (viagem cabralina) acentua: **per cujo respeito andou Pedralvares Cabral aho pairo com toda ha armada dous dias, mas vendo que não aparecia, seguiu sua viagem** (Etc.) No Roteiro de Manuel Regefeiro consigna-se: "esta noite andamos ao pairo de Norte Sul". Por conseguinte, **terra de pairo**, região onde os navios de Coelho teriam velejado indecisamente durante vários dias.

O primeiro mapa com nomenclatura da costa setentrional cento por cento positiva – toponímia agiológica – é o de Pedro Reinel, embora se atribua esse documento à lavra de Lopo Homem em 1519.

Para melhor exame e análise das explorações de Gaspar de Lemos e de Gonçalo Coelho reproduzi o **TERRA BRASILIS** de Reinel em tamanho de **1,27x1m** calcado na cópia fotográfica do original do **Atlas** de Miller, F. 4, da **Biblioteca Nacional** de Paris. O desenho, colorido, terminado em 2 de março de 1973, foi fotografado (**slide**) pelo prof. Francisco Alves de Andrade e Castro, sócio do **Instituto do Ceará**. Em 18 de agosto de 1989 terminei de confeccionar outra cópia, mais perfectível.

Em Reinel os conhecimentos portugueses (nomenclatura) se efetuam desde o rio Mearim no Maranhão até a Punta del Este no Uruguai. Entretanto figura no Amazonas e no norte da Argentina o pendão de Portugal. Do Maranhão para o extremo-norte há chanfraduras anônimas, e na Argentina a mesma coisa, isto é, desde a boca do Prata até a bandeira lusa.

Na costa oriental brasileira a nomenclatura tem alguns topônimos religiosos fora da cronologia do Calendário de bordo. Este fato levou o Comandante Max Justo Guedes a atribuir, fundamentado em Jaime Cortesão, a existência de uma viagem desconhecida e realizada "entre o regresso da frota de Gonçalo Coelho-Vespúcio (1501-1502, 22 de julho ou 7 de setembro de 1502 e julho de 1503)", etc. Viagem, diz Max, com percurso normal até o Cabo Verde, com passagem por Fernando de Noronha, aterragem na "chamada **costa leste-oeste**, próximo ao C. São Roque". Dessarte, consoante o autor, uma aventura concluída "nas imediações de **Porto seguro** (atual Baía Cabrália)".

Sobre este assunto já dei opinião, dizendo que a ilha de Fernão de Noronha foi descoberta apenas uma vez (1503), explicando a origem de **QUARESMA**. Se houve a viagem imaginada por Jaime Cortesão e Duarte Leite, nada comprova sua correlação com a ilha, nem com os topônimo da costa do leste estranhos ao Calendário, e muito menos quanto às explorações registadas na costa setentrional por Reinel. A seqüência agiológica deste cartógrafo evidencia uma **continuação** – Ilha de S. Lourenço e São Roque ou respectivamente **10** e **16** de agosto de 1503.

Vejamos agora a toponímia do mapa em estudo no sentido de leste-oeste.

1 – **y:. de Fernã de Loronha**
Ilha de S. Lourenço descoberta em 10.8.1503.

2 – **Sam Roque**
Baía de Guamoré. Chegada a 16 de agosto e partida para o Noroeste em 29 de setembro.

3 – **ponta p'mera**
A do Tubarão. Primeira para quem viaja no sentido de noroeste.

4 – **baia das tarrugas**
Isto é: das tartarugas, no delta do rio Açu.

5 – **R:. de Sam miguell**
O Apodi ou Mossoró. Como não houve escala (pelo menos demorada) no Açu, chegaram ali no dia 29, consagrado ao Príncipe dos exércitos celestiais. Exploração durante dezenove dias.

6 – **as serras**
Cordilheira do Apodi. Pela primeira vez vem registada em cartografia coeva.

7 – **C:. corco**
Ponta Grossa no Ceará. Geralmente não se percebe nas cópias fotográficas impressas das cartas marítimas o sinal ou cedilha. **Cabo corço.**(1)

8 – **ponta dos Fumos**
Bem identificada por Th. Pompeu Sobrinho: é a atual Ponta do Maceió ao oeste da barra do rio de Jaguaribe. Este curso d'água, entretanto, não figura no mapa.

9 – **C:. branco**
Ponta do Iguape. Morro arenoso.

10 – **G:. de Sam lucas**
Enseada do Iguape. Chegava em 18 de outubro, dia deste santo.

11 – **aguada**
O rio Pacoti na enseada do Iguape. Identificação de Th. Pompeu Sobrinho sobremodo correta.

12 – **ponta preta**
A do Mucuripe. Ignora-se o dia da chegada. Aliás, do rio Pacoti em diante não se registam topônimos agiológicos, salvo no Estado do Maranhão.

13 – **Momte ely**
Não é a serra de Maranguape como supôs Th. Pompeu Sobrinho. Trata-se do morro que forma a ponta do Mucuripe. Topônimo lembrativo do **Monte Delly** na costa de Malabar, Índia. Em outros mapas: **dely, Li, Delli**, etc.
Trata-se do morro que forma a ponta do Mucuripe. Topônimo lembrativo do **Monte Delly** na costa de Malabar, Índia. Em outros mapas: **dely, Li, Delli**, etc.

14 – **G:. dos negros**
Enseada do Mucuripe. Na Carta de doação de Antônio Cardoso de Barros – **angra dos negros.**

15 – **ponta dos preços**
Ao leste da barra do rio Mundaú.

16 – **terra da pescarya**
Litoral do Acaraú. O trecho que se segue desde o golfo dos negros (mapa) até perto do Cabo do Palmar está representado de maneira fruste, sem registos de embocaduras flúvicas: os rios Mundaú, Aracatiaçu, Aracatimirim, inclusive o porto de Pernambuquinho e o próprio rio Curu.

17 – **C:. dopalmar**
Promontório de Jurucoacoara, e não a moderna Ponta dos Patos na barra do rio Aracatiaçu como propõe Th. Pompeu Sobrinho.

18 – **b:. dos praços**
Baía da Tartaruga ao oeste do Cabo Jurucoacoara. Está com pequeno sinal de rio anônimo, erroneamente representado, pois se trata do Camocim sete léguas ao oeste.

19 – **terra dos Fumos**
Ou seja: terra habitada. Provavelmente, território desde o rio Timônia até a barra da Amarração no Estado do Piauí.

20 – **terra de Sambicẽte**
No Piauí e parte do Maranhão. No Kunstmann II regista-se um **monte de s. uicenso** na costa oriental. Para Th. Pompeu Sobrinho o topônimo piauiense recordaria a passagem de Pinzón em 1500. Observe-se, porém, que "São Vicente" era um pássaro que costumava sobrevoar os navios.

21 – **C:. dalueste**
Talvez seja a Ponta do Sal no Piauí. O desenho da costa, fruste, não permite identificação positiva.

22 – **punta**
A dos **Fumos** do Maranhão, aludida por Alonso de Chaves?

23 – **punta das corrẽtes**
Também no Maranhão. Esta ponta das correntezas de leste-oeste não está desenhada no mapa. A dos Mangues Verdes?

24 – **baya**
Provavelmente a de Suruambi.

25 – **R:. danobon**
Este rio do Ano Bom é o antigo Guaxinduba.

26 – **R:. Segundo**
O Monin.

27 – **R:. de Johan de lixboa**
O Itapicuru.

28 – **R:. dos Fumos**
O antigo Maradi, habitado.

29 – **G:. de Todolos Santos**
Baía de S. Marcos, onde se localiza o porto de S. Luís na grande ilha do Maranhão. Chegada no dia 1º de novembro de 1503. Em 31 de dezembro os portugueses estiveram em Guaxinduba, o rio do Ano Bom.

30 – **R:. dos esepuos**
O Mearim. O topônimo é algaravia de "escravos". No Mearim foram capturados silvícolas.

31 – **almadyas**
Sítio (aldeia) onde encontraram embarcações nativas.

Como mostrei no meu **croquis** os topônimos agiológicos estão assim estabelecidos:

QUADRO SINÓTICO
(Seqüência agiológica)

Sam Roque	Chegada: 16.10.1503
Escala: 44 dias	Partida: 29.09.1503
R:. de Sam myguell	Chegada: 29.09.1503
Escala: 19 dias	Partida: 18.10.1503
G:. de Sam lucas	Chegada: 18.10.1503
Escala: (?)	Partida: (?)
G:. de Todolos Santos	Chegada: 01.11.1503
Escala: 61 dias	Partida: 31.12.1503
R:. danobom	Chegada: 31.12.1503

A demora de 61 dias no Maranhão deveu-se às explorações dos rios principais e captura de silvícolas. O rio dos **Escravos**, topônimo que se repete em mapas posteriores é bem expressivo.

O problema, agora, sem dúvida outro "nó górdio" difícil de ser cortado esta em saber como e quando Gonçalo Coelho (**João de Lisboa**?) regressou do Maranhão. O assunto, como se aprecia é bastante sério e escapa ao **academicismo** de chá com torradas...

* * *

Navegava-se costeando, mas de acordo com os caprichos das **correntes de marés** até então desconhecidas dos exploradores. Por exemplo: de março a junho as águas corriam para o Norte, e de junho a agosto havia intervalo de corrente Norte-Sul (paralisação) motivo por que viajando nesse rumo tinha-se de aproveitar o **terral** e sujeitando-se às calmarias do Norte. De setembro a novembro as águas corriam para o Sul. Observe-se, porém, que esse regime de ventos e correntes é mais complexo do que se pensa.

Em consideração à seqüência de topônimos agiológicos de Reinel tudo indica que Gonçalo Coelho navegando para o Maranhão encontrou corrente contrária de setembro a novembro. Daí, aquele topônimo bastante sugestivo: **punta das corrẽtes**. Quer dizer, de um modo ou de outro, por teimosia ou ignorância enfrentaram a duras penas o **condicionalismo físico** de que tanto nos fala o Comandante Max Justo Guedes.

Teria acontecido o regresso em setembro de 1504? O primeiro

batismo religioso na costa oriental (não correspondente ao périplo de Gaspar de Lemos) é a ilha pernambucana de Santo Aleixo, **28 de fevereiro**. Ora, esta data não se concilia com **setembro**. Dessarte, se a frotilha deixou o Maranhão em janeiro alcançaria com pouco menos de dois meses e sem escalas, com início de explorações na costa austral do Rio Grande do Norte, ou seja o porto que Reinel assinala como **oratapipy**, aquela ilha de Pernambuco em 28 de fevereiro? De **oratapipy**, aldeia na região da lagoa Guaraíras, para o Norte só existe o topônimo **C:. dopraçell** ou atual de S. Roque, certamente observado de longe por causa dos parcéis que se prolongam no sentido de Nordeste. De conformidade com Reinel não houve explorações entre S. Roque e proximidades do rio Cunhaú, quase na extrema com a Paraíba do Norte.

A matéria requer outros pontos de vista. Por exemplo:

1) A nomenclatura da costa setentrional – S. Roque, 16.10 e Maranhão, 1º.11., pertenceria a uma viagem desconhecida, independente da 1503, mas, posterior a esta, com regresso à Europa sem reconhecimento da costa oriental? **João de Lisboa** não seria o mesmo **Gonçalo Coelho**? Seria a nomenclatura em apreço proveniente da navegação de João de Lisboa ao Prata em 1514? Não, porque Lisboa começou suas explorações no Prata, com travessia atlântica nas alturas do Cabo da Boa Esperança em África. Portanto, navegando pela costa brasileira para o Norte jamais chegaria ao Maranhão, mesmo porque a nomenclatura de Reinel é inversa, de Norte-Sul na costa do Leste.

2) A ilha de Santo Aleixo, 28 de fevereiro, compreenderia também uma viagem desconhecida? À maneira de **S. Roque**, que tem em seguida uma "ponta primeira" como prova de rumo Leste-Oeste, de Santo Aleixo para o Sul o primeiro topônimo é um "rio primeiro", seguido do "rio segundo", indicativos de derrota. Foi Santo Aleixo o primeiro porto de aterragem de navios procedentes da Europa?(2)

Há um outro ponto interessante. Reinel regista em Santa Catarina um **golfo do reparo** e no Uruguai o **Cabo de Santa Maria** ou Punta del Este. Correspondem estes acidentes geográficos a Sebastián Caboto em sua viagem ao Prata? Ele tocou no Cabo de Santo Agostinho, provavelmente na enseada de Suape, querenou em Itamaracá, donde seguiu para o Sul. Em suma, chegada ao promontório pernambucano em 3 de junho de 1526 e partida de Itamaracá em 29 de fevereiro. Aliás, porque em Reinel o Santo Agostinho se chama **Cabo Fremoso**? Batismo de Caboto?

Como se explica que o **TERRA BRASILIS**, de 1516, registe topônimos de Caboto com datas de 28 de outubro de 1526 e 15 de feve-

reiro de 1527 em Santa Catarina? São acréscimos tardios ao mapa, ou este manuscrito é posterior a 1516?

Por outra parte, excetuados os poucos topônimos relativos a Caboto, poder-se-ia incluir nos batismos de Gaspar de Lemos aqueloutros discordantes em datas religiosas? Há casos comprovados de que em descobrimentos marítimos (ilhas) nem todos os batismos religiosos corresponderam a datas evocativas de santos. Às vezes, servia de base o nome do navio. Todavia, veremos na nomenclatura de Reinel que Gaspar de Lemos e Gonçalo Coelho introduziram na série de topônimos religiosos alguns de datas estranhas como se supõe.

Enfim: até que ponto chegou Coelho (ou o seu substituto no comando da frotilha) na costa oriental? Reinel regista uma **ponta do padrão**, a de Cananéia. Fim do périplo? Talvez não. Consoante a seqüência agiológica o penúltimo batismo é de **30 de agosto** de 1505 – as serras de Santa Maria da Pena, e o último o Cabo de Santa Maria ou Punta del Este no Uruguai, **15 de setembro**. Este fato nos impele a aceitar a descoberta do promontório – primeira descoberta – em 1505 pelos portugueses.

* * *

Tratemos da toponímia de Reinel na costa do leste registando as navegações de 1501-2 e 1503-5, esta última provavelmente continuação da de S. Roque-Maranhão. Para melhor clareza quanto às datas agiológicas de ambos os périplos transportarei para aqui os batismos de 1504-5 (excetuando deste modo os de Lemos) em confronto com a nomenclatura do Kunstmann II. Eu disse "1504-5" porque a toponímia de S. Roque-Maranhão termina em 31 de dezembro de 1504 – **Ano Bom**.

KUNSTMANN II (Rio Grande do Norte)	**TERRA BRASILIS** (Rio Grande do Norte)
Santa Maria de agoadia Em Touros	. . . . .
. . . . .	**C:. dopraçell** O de S. Roque.
. . . . .	**orotapipy** Lugar na lagoa Guaraíras.
. . . . .	**orapinhom** No rio Cunhaú ou na Baía Formosa.

(Paraíba do Norte)

. . . . . .

monte de s. uicenso
Inidentificável.

. . . . . .

(Pernambuco)

. . . . . .

. . . . . .

S. maria de rapida
Olinda ou Recife.

. . . . . .

. . . . . .

Capo de Sancta + (28.8.1501)
O de Santo Agostinho

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

(Alagoas)

San Michaele (29.9.)
Porto de Maceió

. . . . . .

. . . . . .

(Sergipe)

Rio de s. francisco (4.10.)
Atual.

brafra barril
Praia do Mangue.

(Paraíba do Norte)

baya de pitiacua de treycam
Baía da Traição.

. . . . . .

C:. despichell
O Cabo Branco.

(Pernambuco)

R:. das pedras
O Goiana.

R:. das virtudes
O Igaraçu.

. . . . . .

pernambuquo
Porto do Recife.

R:. do estremo
O Jaboatão.

C:. Fremoso
O de Santo Agostinho

y:. Santoaleyxo (28.2.1505)
Atual deste nome.

R:. priymeyro
Serinhaém.

R:. segumdo
O Una.

(Alagoas)

. . . . . .

as serras de Santo Antônio (13.6.)
Quatro léguas depois do rio S. Miguel. (Alonso de Chaves)

R:. alagado
O Juquiá.

(Sergipe)

. . . . . .

. . . . . .

rio de perera
O Sergipe.

serra de s. madlena de gratia
Inidentificável.

rio de caxa
O Vazabarris.

punte real
Ponta do rio Real.
(Bahia)

rio de são hieronimo
Itapicuru.

rio de odio
Inhambupe

rio de Mezo
O Ipujúca.

monte fragoso
O Saipé.

A baia de tuti santi (1.11.)
Salvador.

rio de S. Jacome
Jequié.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

rio de S. augustine
O Camamú.

. . . . . .

. . . . . .

rio de S. Helena
O das Contas.

rio de Cosimes
O Cachoeira.

. . . . . .

rio de uirgine

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

(Bahia)

. . . . . .

R:. da duvida
Inhambupe.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

R:. de joham gayo
O Jaguaríbe.

R:. dapraya
Jequiriçá.

Serra alta
Serra Grande.

. . . . . .

y:. de Santarã
Defronte ao rio Una.(3)

G:. dapraya
Baía de Cumã.

R:. das ostras
O das Contas.

R:. de Santana (27.6.)
O Cachoeira.

R:. das colinas
O Pardo.

. . . . . .

Jequitinhonha.

rio de San Johan (11.11.)

O João de Tiba.

punte Seguro

Ponta Grossa em P. Seguro

Barefes vermelhas

Barreiras vermelhas.

rio do brasil

O Trancoso.

barossa

Barreira.

monte de pasqual

Na serra dos Aimorés.

rio de sta lucia (13.12.)

O Jucuruçu.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

(Espírito Santo)

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

(Rio de Janeiro)

rio de arefens

Paraíba do Sul.

serra de San Thome (21.12.)

Também o Cabo.[5]

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

y:. de Stãbarbara (14.12.)

Atual deste nome.

R:. de Sam gorge (17.12.)

O Caravelas.

C:. dos bayxos dabrolhos

Ponta dos Abrolhos.

(Espírito Santo)

baya de Santaluzia

Porto de Vitória.[4]

C:. de Sam Joã (27.12.)

Atual Ponta de S. Luzia em Vitória.

bayxos dos pargos

Costa do Espírito Santo.

apescaria dos pargos

Idem.

(Rio de Janeiro)

. . . . . .

. . . . . .

baya do Salvador (28.12.)

Porto de Macaé.[6]

C:. do aRacife

Barra do rio S. João.

. . . . . **y:. de Sã Roq**
Talvez a Branca.

. . . . . **R:. delgado**
Itajurú na Lagoa Araruana.

. . . . . **G:. fremoso**
Lagoa Araruana.

. . . . . **C:. fryo**
Atual deste nome.

. . . . . **y:. de cabo fryo**
Atual.

. . . . . **as serras de Santa Luzia**
As marítimas.

pinaculo detentis
Serra dos Órgãos.

os picos fragosos
Serra dos Órgãos.

. . . . . **Sombreyro**
O Pão de Açúcar?[8]

baia de reis (6.1.1502)
Baía da Guanabara.

R: de janeyro (1.1.1505)
Rio Suruí na Guanabara[8]

. . . . . **R:. de janr**
Erro do cartógrafo?[9]

. . . . . **R:. do estremo da terra de janeyro**
O Guandu.

. . . . . **y:. darea**
Restinga da Marambáia.

. . . . . **y:. de Santa Crara**
Ilha Grande[10]

. . . . . **paso das almadias**
Canal separando a Ilha Grande do Continente, na Baía Grande.

. . . . . **os mangues**
Na terra firme.

(S. Paulo)

(S. Paulo)

. . . . . **praya**
Alonga-se até Ubatuba.

. . . . . **pomta fragosa**
Ponta Grossa.

. . . . . **R:. dacurpace**
O Jequeriqueré.

. . . . . .

. . . . . .

rio de são antonio (17.1.)
Na ilha de S. Vicente

. . . . . .

punte de san uicente (22.1.)
Ponta de Itaipú.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

rio de cananor
Atual de Cananéia. (Fim)

. . . . . .

. . . . . .

(Paraná)

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

(Santa Catarina)

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

as serraryas
Serras do Mar.

y:. dos gayones
Ilha de Santo Amaro. (Goianases)

. . . . . .

R:. de Sam vicente (22.1.)
Ilha de S. Vicente.

. . . . . .

G:. darea
São três enseadas.[11]

aldea de grigoryo
Interior.[12]

G: dagarça
...**da Garça**. Onde?

. . . . . .

y:. abitada
A de Cananéia.[13]

ponta do padrã
Na ilha do Cardoso.
(Paraná)

R:. alagado
(?)

R:. de Sam
(?)

baia das voltas
De Paranaguá.

R:. do estremo
Ao sul da baía de Paranaguá.
(Santa Catarina)

G:. do Repayro
Ens. de Guaratuba?[14]

R:. de Santoabeto (7.8.)
O S. Francisco do Sul.

R:. das voltas
O Araguari.

G:. onde pe
Erro gráfico do cartógrafo.

. . . . . **G:. ondele vyo oba tel**

Canal norte da baía das Tijucas[15]

. . . . . **G:. fermoso**

Canal sul da Baía das Tijucas.

. . . . . **R:. do aRacife**

O rio Tubarão.

. . . . . **as serras de Santa mª da pena** (30.8.)

Onde está o Cabo de Santa Marta.[16]

. . . . . **R:. dos negros**

O Manituba, fronteira com o R. G. do Sul.

(Rio G. do Sul) (Rio G. do Sul)

. . . . . **terra bayxa areal**

Costa riograndense.

. . . . . **darea e costa baixa**

Idem.

. . . . . **B:. apacelada**

Lagôa dos Patos em Porto Alegre.

(Uruguai) (Uruguai)

. . . . . **Ponta do aRacife**

Ponta del Palmar?

. . . . . **B:. de**

Inidentificável.

. . . . . **C:. de Santa mª** (15.9.1505).

* * *

Do exame nomenclatural ficou constatada a existência de seis batismos religiosos alheios à cronologia do Calendário de bordo (excetuei "Santa Maria de Agoadia" e "Monte de S. Vicente") para a viagem de Gaspar de Lemos, e para a de Gonçalo Coelho, cinco.

Exclui também os topônimos **aceçã** e **atrynidade**, e outras ilhas menos importantes. A Trindade, de cinco quilômetros de comprimento e dois e meio de largura, alta de 600 metros no Pico Desejado, vem representada na cartografia vetusta perto de **Acençam**. Luís Teixeira

referindo a de nome Ascensão diz: **he a primeira ylha das de Martî Vãz da banda do oeste/.**". O cosmógrafo Pimentel coloca a Trindade em 20°26'S, na verdade em 20°05'S-26°20'S. Sua descoberta permanece no terreno das hipóteses: em que ano e por quem? Capistrano de Abreu aceita o ponto de vista de Frany Hummerich: achada em 18 de maio de 1502 por Estêvão da Gama.

O Com. Max admite que o descobrimento se deve aos navios remanescentes da frota de Gonçalo Coelho:

"A respeito do restante da frota, só conhecemos a passagem (e descobrimento) pela Trindade, no mês de outubro, muito palusivelmente por virem abertos na ultrapassagem dos abrolhos, ou, talvez, porque já estivessem de regresso, dois meses após a chegada a Fernão de Noronha".

O que é fato é que no mapa de Maiollo (Biblioteca de Fano) a ilha tem duas legendas. A primeira diz: **y a trinidad Isla.** A derradeira pormenoriza:

ysola vocatur santa trinidade iventa fuit prorey de portugal de anno dni 1 50 3 die ses outub.

Quer dizer: ilha chamada Santa Trinidade foi descoberta para o Rei de Portugal no dia seis de outubro do ano de 1503.

Entretanto o "seis de outubro" de 1503 não se encaixa com o "quinze de setembro" de 1505 da Punta del Este...

Em outubro de 1503 (Reinel) os navios restantes de Gonçalo Coelho estavam no Maranhão e, quanto a Vespucci, este chegou a Lisboa em 1º de junho de 1504, não podendo por isso passar pela Trindade em seis de outubro quando regressava do Cabo Frio. Também não lhe cabe o achado da ilha na viagem de Salvador para o Sul. Diz ele que neste porto demorou dois meses e quatro dias, setembro e outubro + 4 dias, portanto. Se partiu no dia cinco, jamais chegaria à Trinidade em seis de outubro.

Há outros enigmas, mais ou menos decifrados. Enigmas, todavia, nebulosos quando observados por acadêmicos de chá com torradas. Por exemplo: o batismo **Acensão** que acompanha o de **Trinidade.** Dois descobrimentos? O mistério, creio, reside em Martim Vaz, marinheiro, aparentemente o descobridor de uma destas duas ilhas representadas no mapa de Reinel.

Sobre topônimos religiosos fora da Cronologia seriam eles provenientes de várias viagens? Como observa Orville Derby, mapas e suas cópias manuscritas eram, às vezes, modificados por esse curioso

processo de **atualização** mediante roteiros marítimos mais recentes.

É o caso das **serras de Santa Luzia**, sistema orográfico no Rio de Janeiro. Como é sabido, Fernão de Magalhães entrou na Baía de Guanabara em 13 de dezembro de 1519, crismando-a de Baía de **Santa Lucía**. No Diário de Francisco Albo, seu companheiro de aventura, está consignado: **y aqui entramos el mesmo dia de Santa Lucía, y estuvimos hasta el dia de San Juan ques a 27 del dicho mes de Diciembre.** Daí, as Serras de Santa Luzia ou **Lucía**..

Recorde-se, inclusive, o nome Santa Catarina dado à ilha do Estado desta mesma denominação por Sebastián Caboto. Ou, ainda, o "golfo do repayro" de Reinel (**Ysla de Reparo** em Alonso de Santa Cruz) no mesmo Estado. Mas, não creio que se enquadre nessa questão de acréscimos o **Cabo de Santa Maria** uruguaio. Conheceram-no: João de Lisboa, 1514, Solís, 1515, Magalhães, 1519, Loaysa, 1525, e Caboto, 1526. À esta altura a pergunta: descoberto primeiramente em 1505 e redescoberto pelo mesmo navegante luso em 1514?

Diz Luís Teixeira que o promontório estava situado em 35°S, **hu Cabo que chamão de Sãta maria**. Manuel Pimentel, idem: **Cabo de Santa Maria está na ponta do Rio Norte do Prata, 35°S-331°42**. No DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO de Pero Lopes de Sousa temos: **Cabo de Sta. Maria antigo**. Quer dizer, conhecido desde longos anos, talvez correlacionado com o périplo de 1504-5, e este, salvo equívoco, focalizado no mapa **TERRA BRASILIS**. O Santa Maria **antigo** parece muito bem ser de 1505 por causa da cronologia agiológica de Reinel: o penúltimo batismo é **Santa Maria da Pena**, 30 de agosto, e o último é o **Cabo de Santa Maria**, 15 de setembro, consagrado a Nossa Senhora das Dores. Um em Santa Catarina e o outro em Maldonado.

Se o **antigo** fosse acréscimo tardio no mapa de Reinel, outros topônimos uruguaios de explorações posteriores a 1514, de Solís a Caboto, estariam figurando em Reinel. Mas, o que aparece é apenas um litoral com reentrâncias inominadas, de quem viu acidências e não batizou, salvo o promontório hoje conhecido como Punta del Este. Reinel, cartógrafo contemporâneo de Lisboa, Solís e Magalhães não conseguira conhecer batismos destes navegantes? Mais provavelmente limitou-se ao périplo de 1505.

Demais a mais permanece a incógnita do regresso de Gonçalo Coelho a Portugal em outubro ou novembro de 1505 no caso de ser dele a nomenclatura de Reinel por mim analisada. E Vespucci, naturalizado espanhol em 24 de abril deste ano e residindo em Sevilha, sua

nova Pátria, não fez mais viagens marítimas e, se teve conhecimento do regresso de Coelho não sabemos.

* * *

Encerrado o estudo do périplo português de 1504-5 resta-me fazer, aqui, alguns comentários correlatos. De todos os estudos topográficos o de cartografia vetusta é, provavelmente, o mais exaustivo, complexo e difícil; sobretudo se tivermos o mister de investigar enseadas, rios e promontórios registados na primeira década do século XVI.

Os mapas e cartas de marear, notáveis, às vezes, pelo efeito decorativo e comportando singularidades quanto ao delineamento continental omitem, quando não acrescem, determinados setores litorâneos, dado o fato de se apoiarem os pilotos-cartógrafos em valores variáveis do grau.

Como explicava o Almirante Eugênio de Castro, o emprego de léguas diferentes para o grau numa carta projetada durante a viagem, **14, 1/2 – 15 – 16, 2/3 – 17, 1/2** léguas, e assim por diante, encurtava ou alongava a representação gráfica em prejuízo da verdadeira fisionomia territorial.

Mas, com o avançar do tempo foram corrigidos muitos defeitos, graças ao processo de projeção cilíndrica isogânica de Gerard Kremer (**Mercator**) de 1569, e também em resultado do método de medição geodésica-triangulação – de Snellius, 1617, com marcada influência na cartografia através de Guillaume Delisle, Bourguignon D'Aville, Schickart e Cassini.(17)

Limitarei este tema, na sua parte principal, a pequenos defeitos e pontos obscuros do planisfério dito de Alberto Cantino, trazendo à tona o discutido posicionamento geográfico do **Cabo de Sam Jorge.**

Antes, desejo lembrar que se destacam nos mapas e nas cartas de navegar da primeira década do século XVI dois aspectos: o decorativo, preocupação do cartógrafo voltada para o lado artístico, de ordinário prejudicando a parte científica, e o predomínio do critério científico em detrimento da estética.

A propósito eu lembraria, aqui, o saudoso historiador norte-rio-grandense Rodolfo Garcia que, versando sobre mapas da **Biblioteca Apostólica Vaticana** particularizou um deles, da lavra do genovês Battista Agnes. Salienta Garcia que os trabalhos deste cartógrafo "distinguem-se pela elegância e perfeição técnica com que são compostos e que fazem deles verdadeiras obras-primas; seu critério científico, entretanto, é consideravelmente inferior ao seu valor artístico. Sente-se

.que as suas cartas e portoloanos não se destinavam ao uso dos marinheiros, mas às bibliotecas de indivíduos ricos como objetos decorativos".

Também pensa assim G. R. Crone na **Historia de los Mapas**, México, 1956:

...no hay que olvidar que las cartas, por instrumento de tabajo de una profesión azarosa, estaban espuestas as pérdidas en el mar e bien se las desechava cuando las desgastaba el uso, por loque no debemos sorprendermos de hayan quedado tanpocas. Sin duda las cartas decorativas existentes las mandaron hacer armadores e acudalados mercadores, y conservadas en las bibliotecas escaparon de los azares del mar. Sin enbargo, esto no es motivo para dudar de que en lo esencial se asemejaban a las de uso cotidiano.

Provavelmente, erros e equívocos da cartografia científica, delineamentos costeiros incompletos, às vezes, empíricos, fantasiosos, foram transportados para as cópias ornamentais, ou então modificaram os artistas profissionais porque cincidos aos reclamos da estética o que havia de antiestético nos protótipos.

Por outra parte, como acentua Orville Derby, de cada uma das "notáveis explorações, houve, é de presumir, um mapa, ou esboço de mapa, original e autêntico, que, na frase de Harrisse, serviu de protótipo para a aluvião de mapas compilados, emendados (muitas vezes para pior) aumentados ou simplificados que lhes sucederam até os nossos dias".

O grande manuscrito de Alberto Cantino, belíssimo e importante para a nossa protohistória, enquadra-se naquele sistema de cópia **artística** e **ornamental**.

Conheci as origens da Carta em apreço na obra de Jaime Cortesão, **Portugaliae Monumenta Cartographica**, edição bilingue, português-inglês, da Biblioteca do **Instituto Historico de la Marina** de Madri. Sabe-se que a Carta de Navegar, medindo **2,20x5m**, com Escala de **1:12.830.000**, foi achada acidentalmente por Giuseppe Boni, e este lhe deu o ano de 1502 ou 1503 para sua confecção. Presentemente não há mais dúvida: é de 1502 como se depreende duma inscrição no verso, combinante com o assunto duma epístola de Cantino dirigida ao Duque de Ferrara. Está no verso:

Carta de nauigar per le isole nouam. te tre in le parte de l'India.: dono Alberto Cantino al s. Duca Hercule.

Isto é: "Carta de navegar da ilha recentemente achada na parte da Índia. Dom Alberto Cantino ao senhor Duque de Hercule". A palavra

incompleta **tre** por causa de um furo no pergaminho significa **trovate** ou "achada".

Transcreva-se para aqui a epístola de Cantino, de conformidade com a tradução feita pelo Prof. Duarte Leite. Este, costumeiramente agressivo aproveitou a oportunidade para chamar Cantino de bajulador do Duque de Ferrara:

"Ilustríssimo Príncipe e Excelentíssimo Duque e Senhor Dom Hércules Duque de Ferrara e meu Senhor e Benfeitor Venerado.

Ilmo. Príncipe e Exmo. Duque e meu Senhor de grande respeito, etc.

Por carta de V. Exa. em resposta à minha endereçada há dias fiquei ciente de quanto nela se contém, principalmente do que respeita à Carta de navegar. Respondendo humildemente a V. S. advirto que deixei a dita Carta em Gênova a cargo do dito senhor Catánio, e dele recebi vinte ducados estritos, isto é, de três libras cada um. Em verdade a dita Carta custou-me em Portugal por ajuste doze ducados d'ouro em sonante. Mas apertado da necessidade e não tendo a quem recorrer fui obrigado a cobrar aquele dinheiro e fazer o que escrevi a V. S.. A carta é de tal sorte espero que de tal modo agradará a V. Ex., que lhe não será molesto ter desembolsado por ela aquela quantia, pois do mais que gastar V. S., até doze ducados d'ouro que ela me custou, me fará seu devedor. Rogo a V. Exa., se for de seu agrado, me avise do que no assunto hei de cumprir, e constantemente me tenha no número de seus fiéis servidores.
Roma, dia 19 de Novembro de 1502
Ilmo. e Exmº Duc. C. V.
Servidor **Albertus Cantinus**
Scripsi.

Confeccionada em Portugal, certamente em Lisboa (**por ajuste doze ducados d'ouro em sonante**) a Carta de Navegar não tem a assinatura do desenhista, e assim permanece anônima e sem data. Feita por um cartógrafo português? Duarte Leite acredita que sim.

A famosa **Charta del Navichare** esteve na Casa Ducal de Ferrara até 1852 e, segundo Cortesão, foi transferida por ordem do Papa Clemente VIII para outro palácio de Módena, donde desapareceria quiçá em 1859. Passados anos foi achada por Giuseppe Boni. Estava decorando o biombo de uma loja de salsichas da rua Farini! Ele adquiriu-a do salsicheiro ignorante por modesta quantia e doou-a à **Biblioteca**

Estense, onde ainda hoje se conserva, desde 1868, em caixeta com tampo de vidro.

* * *

Planisfério colorido, representa várias explorações marítimas do Brasil, anotadas por Boni, mas em parte contestado por Duarte Leite, principalmente a de Pedr'Álvares assinalada com o topônimo **porto Seguro** e longa legenda sob o pendão português. Há, inclusive, uma rota – linha curva – ligando litorais da África à costa de Touros no Rio Grande do Norte, e a ilha **Quaresma**. Do Maranhão corre até Alagoas uma faixa de linho adaptada e ao desenho primitivo contendo reentrâncias anônimas e sem consistência científica.

No que concerne à linha curva, no caso de ser mesmo uma rota de navegação ela topa, salvo engano, no porto que, em Caveri, tem o nome de **Santa Maria de gracis**. Ajustar-se-ia, talvez, à viagem de Gonçalo Coelho, porquanto se inicia nas proximidades do Cabo Roxo em África. Conforme a **Lettera**, a Armanda navegava para Serra Leôa quando uma tempestade forçou-a a mudar de rumo. Todavia, a linha citada termina em Touros e não na ilha de Fernão de Noronha. Ou estaria mal situada? A Armada de Gaspar de Lemos esteve em Dakar. Ou, ainda, significaria uma maneira de assinalar a parte mais estreita do Atlântico em relação ao Brasil? Conforme Ayres do Casal, a **menor distância entre a América e a África é a do Cabo de S. Roque no Brasil ao Cabo Roxo na Guiné, onde há quinhentas léguas.** Humboldt estima a distância em 2.840 Km. De qualquer modo é de notar-se que o traçado da Equinocial no Brasil está partida ao meio dando passagem à suposta derrota. Um acrescentamento ao manuscrito? Como não examinei de perto o protótipo da Estense fico sem saber se se trata de algo casual. Ela não existe, por exemplo, na cópia de **Becquet Fras. et Simon** impressa em Paris.

Impõe-se também à curiosidade como um dos aspectos fundamentais do problema a direção Sueste dada à costa setentrional e em consonância com os topônimos "Golfo fremoso" e "Cabo de Sam jorge". Este último indica o de Santo Agostinho, e aqueloutro o golfo maranhense, mas identificados, respectivamente, por Th. Pompeu Sobrinho, com a Ponta do Calcanhar no Rio Grande do Norte e o ruo Pará no Estado deste nome.

O rumo Sueste é pormenor assumindo importância especial, pois abre caminho à interpretação da série de chanfraduras ornamentando a faixa de linho. Outrossim, não foi sem motivo que o adicionador da

faixa obrigou-se a encompridar o mastro da bandeira portuguesa assente no ângulo onde a costa deflete para o Sul. Em conseqüência foi entreapagado o nome **Cabo de Sã jorge** e repetido mais ao leste sob a bandeira: **Cabo d. Sam jorge.**

Outra particularidade a considerar: o círculo parecendo ser um borrão perto do debrum, sob a bandeira. Ilha propositadamente inutilizada em virtude da retificação costeira, dando-se **ipso facto** a de nome **Quaresma**? É mais um "quebra-cabeça" para quem não examinou o manuscrito da **Estense.** Contudo, creio que se trata do Atol das Rocas.

O Prof. Duarte Leite enxerga no debrum e nos topônimos a mão de um emendador italiano, e na ilha **Quaresma** a do cartógrafo português dizendo:

"A personagem desconhecida a quem agradecemos o cursivo não alterou o traçado e apenas lhe introduziu de novo, como mostraremos, a ilha **Quaresma**, e não sabemos se a fantástica saliência onde se lê **cabo de Scta Marta**".

Em resumo: registam-se o descobrimento de Pedr'Álvares Cabral, as explorações de Gaspar de Lemos e, no setentrião, com o acrescentamento da faixa de linho com chanfraduras anônimas aquela de Gonçalo Coelho ao Maranhão. Reaparece-se, por exemplo, a Carta de Navegar de Caveri: tem o mesmo rumo de Sueste e reentrâncias anônimas desde **Sam Roque** (Guamoré) até o golfo maranhense. Nem o emendador do trabalho dito de Cantino, nem o autor desta outra carta possuíam até então conhecimento da toponímia mais tarde adotada por Reinel. Por isso mesmo acredito que as reentrâncias da costa setentrional são fantasiosas, em Caveri de São Roque para o noroeste, e em Cantino desde o Cabo de S. Jorge. Caveri nem sequer regista a ilha de Fernão de Noronha, mas na costa do leste assinala com topônimas as explorações de 1501-2. Em Cantino só existem seis batismos: **Cabo d. Sam jorge – San miguel – Rio de Sã francisco – Abaia de todos Santos – Rio do brasil – Cabo de Sacta Marta.** Este derradeiro é um mistério sob o aspecto ortográfico e sob o aspecto geográfico. Sua caligrafia pode exprimir também **Sacta Maria** por causa do **t** bastante parecido com um **i.** O posicionamento deste nome não favorece identificação precisa. Entretanto, se é de fato **Sancta Marta**, como acredita Duarte Leite, poderíamos encontrar ele o promontório catarinense de Santa Marta atual. Muitos batismos portugueses desde a viagem de Gaspar de Lemos ainda permanecem, não

sendo de admirar tal possibilidade em torno deste topônimo controvertido, embora olvidado no Kunstmann II e em Cavério.

* * *

Sobre o muito discutido Cabo de São Jorge devemos colocar a questão assim: a) posicionamento geográfico; b) motivo da escolha do topônimo agiológico.

Vejamos o ponto de vista do Prof. Duarte Leite:

"Em que ponto podemos situar S. Jorge? Não há meio de responder à pergunta mais que com conjecturas francamente motivadas. Se a latitude foi corretamente determinada pelos pilotos e bem demarcada pelo cartógrafo, deve ser o Cabo Branco, que conta 7° 36'S, as duas proeminências que mais avançam para leste no Atlântico.

Nos rumos do mapa de Cantino, ainda quando tivessem sido fielmente transportados das cartas de marear, não há que fiar, por causa da variação das agulhas orientadoras. Se supusermos, com a maioria dos autores, que elas nordesteavam nesta parte da América austral, o rumo de S. Jorge deverá inclinar-se para nor-noroeste, e abaixo do cabo para sussudoeste, o que nos leva a identificá-la com qualquer das pontas acima mencionadas; mas curvatura do litoral é nelas menos acentuada do que a apresenta o mapa. Pondo fé, ao contrário, nas afirmações de João de Lisboa quanto à linha agónica, as agulhas nordesteavam no Novo Mundo, e o rumo abaixo de S. Jorge inclina-se para susueste; seríamos tentados a vê nesta ponta a do Calcanhar, tanto mais quanto é nela máxima a inflexão do litoral. Sua latitude é 5.°9'S e a do cabo controvertido anda por 7 °, diferença explicável pelos erros inevitáveis do astrolábio e do desenhador; mas a solução torna-se satisfatória em face da direção da costa acima da ponta do Calcanhar, que na realidade regula por oeste e é figurada em noroeste, diferença explicável só pela variação das agulhas.

Correntemente se toma pelo cabo de S. Jorge e de S. Agostinho, havido como o ponto mais oriental do Brasil. A opinião não merece assentimento, não só por o cabo não apresentar esta circunstância ausente em S. Agostinho; e ainda por ser a latitude dele 8 °21'S, não devendo ter João da Nova descido tanto em sua ligeira escursão por Vera Cruz".

Pobre homem!, como diria R. Barreiro-Meiro; raramente ganha no jogo de xadrez!

O traçado **Sueste-Sul-Sueste** da Carta (sem rumos intermédios) por si só dispensa o rigorismo científico segundo a variação das

agulhas orientadoras. O Brasil na carta em apreço, de natureza ornamental, está desenhado de oitiva. A defexão Sul, do Cabo S. Jorge, não tem altura de 5°S, nem de 7°S. Na Carta de Caveri, por exemplo, o **Cabo sta croxe** (o mesmo de S. Jorge) está em oito graus conforme a tábua de latitudes nela existente.

Um Cabo de S. Jorge conciliável com o Branco na Paraíba por causa da suposta viagem de João da Nova enquadra-se no fantástico. Demais, o primeiro batismo dado ao promontório paraibano (Reinel) é **Cabo de Espichel**, que tem ao sul o **Cabo Fremoso** ou de Santo Agostinho.

Até o século XVII e mesmo no subseqüente o Santo Agostinho era considerado o mais oriental do País. Em um manuscrito da Biblioteca de Haia, 1624, da autoria de Nicolas van Geelkerchen, está escrito: **Cabo de S. Agustin demora 8.°50'S, o mais oriental de todo o Brasil.**

E sempre foi assim. Somente em setembro de 1949 ficou provado pelos Capitães-tenentes Newton Tornaghi e Rubens Figueroa, da Marinha do Brasil, que o Cabo Branco sobrepuja o de Santo Agostinho, mas perde para o seu vizinho, Ponta Seixas, verdadeiramente a mais oriental.

Nem S. Jorge é o Cabo Branco, nem a Ponta do Calcanhar como entende também Th. Pompeu Sobrinho, e sim o de Pernambuco. Aquele ângulo entre Sueste e Sul da carta deve ser situado de conformidade com Vespucci: **e desde que dobramos um Cabo, ao qual demos o nome de Cabo de Santo Agostinho, começamos a navegar para o Sudoeste**. Este rumo, sabemos, praticamente se inicia em Olinda.

Derby, dando o Calcanhar como provável S. Jorge, preferia, entretanto, o S. Agostinho.

Dispense-se a teoria do Prof. Duarte Leite porque sem nenhuma valia. Pesa de maneira concludente o testemunho das próprias representações cartográficas: Kunstmann II, Caveri, Waldseemuller, Kuntstman II e Freducci como se mostra:

CANTINO	CAVERI
.....	**Sam Rocho**
.....	**Santa maria de gracia**
.....	**monte de sam vicente**
.....	**Sta maria de rabida**
Cabo de Sam jorge.....	**Cabo sta croxe**

San miquel	**Sam michel**
KUNSTMANN II	WALDSEEMULLER
san rocche	**.S. Roche**
monte de s. uicenso	**mons. .S. bicenci**
S. maria de rapida	**.S. maría de rabida**
capo de sancta+	**Caput Sancte crucis**
san Michael	**Sancti michaelis**
KUNSTMANN III	FREDUCCI
Sam Roq	**costa de S. rocco**
Sta. m. datalaya	**Sct. maria de gracia**
mõte de .s. viçente	. . . . .
Sta m da Rabida	**Sa. m. rapida**
Cabo de Santo Agostinho . . .	C. de Scto Agustin

Como se observa, do rio S. Miguel para o norte o primeiro acidente é o de Santo Agostinho, também chamado de Santa Cruz e São Jorge. Na ordem inversa a mesma coisa. Em Cantino a toponímia está incompleta, ou melhor, tem início no promontório pernambucano.

Quanto à escolha de **S. Jorge** para batismo do Cabo creio que Orville Derby resolveu o problema: uma relembrança da descoberta do Brasil: "ao que parece, este nome foi provavelmente sugerido pela coincidência do dia do desembarque de Cabral, 23 de abril, na costa do Brasil, sendo esta uma lembrança do cartógrafo e não dos exploradores".

Com efeito, se a 21 de abril, Oitava da Páscoa, o Capitão-mor avistou como sinal de terra quantidade de ervas – "botelhos" e "rabo d'asno" – e à tarde a serra dos Aimorés – Monte Pascual, e finalmente a 23, quinta-feira, sucedeu o desembarque de reconhecimento é mister concluir por uma não exageração do cartógrafo ao fixar com **Sam jorge**, 23 de abril, o evento cabralino. **Cº de Santa Cruz** substituira o S. Jorge como melhor evidência da terra recém-descoberta.

* * *

Os mapas e cartas quinhentistas de interesse para a **protohistória** brasileira, e especialmente, do Estado do Rio Grande do Norte, são de ordinário estudados e analisados segundo o critério particular dos

historiadores e, por isso, sujeitos a pontos de vista divergentes. Considere-se, por exemplo, a Carta de Navegar de Nicolas de Canerio, Caverio ou Caveri, debuxada em Gênova em 1503, tamanho **2,2x1,5m**, artística e ornamental. Foi achada por L. Gallois em Paris, que a seu propósito publicou: **Une nouvelle carte marine de XVI siècle, le portolano Nicolas de Canerio**, Lión, 1800. Este importantíssimo manuscrito pertence ao **Departamento Hidrográfico** da Marinha Francesa.

Mestre T. O. Marcondes de Souza discorrendo sobre a fortuidade da descoberta do Brasil pelos portugueses enfocou o trabalho de Caverio, dizendo que a "opinião geralmente aceita é que ele foi desenhado em Lisboa e quiçá pelo cartógrafo que confeccionou o de Cantino".

Derby por sua vez afirma: "em lugar de ser copiado do exemplar entregue por Cantino ao duque de Ferrara, fosse antes uma cópia, ou rascunho, conservado em Lisboa. Não é menos possível que fosse o autor de ambos os mapas".

São hipóteses interessantes, porém inseguras porque ambos os autores não consultaram os protótipos da **Estense** e do **Departamento Hidrográfico**. Cópias manuscritas ou mesmo fotografias dos originais contêm lacunas e sinais ilegíveis, como já mostrei na Carta de Juan de la Cosa a respeito do topônimo incompleto **ones** e os algarismos existentes no Maranhão indicando profundidades marítimas. Torna-se arriscado, portanto, uma tomada de posição nos termos de Marcondes de Souza e Derby.

Exemplo ilustrativo: as legendas de Porto Seguro, quase idênticas em ambas as cartas. A impressão é que Caveri copiou a de Cantino, pois o trabalho deste cartógrafo genovês é de 1503.

CANTINO:

Porto Seguro

A vera cruz chamada pno me a quall achou pedralvares cabral fidalgo da casa del Rey de Portugal z elle adescobrio indo por capitá moor de quatorze naos que o dito Rey mandaua acalicut y en el caminho indo topou com esta terra acem aqual se cree ser terra firme en aquel a muyta gente de descricam andam nuos omes z mulheres como suas mais os pario sam mais brancos que bacos z teem os cabellos muyto corredios foi descoberta esta terra em aera de quinhentos.

Ou seja: "Porto Seguro. A Vera Cruz assim chamada achaou-a Pedr'Alvares Cabral, fidalgo da Casa Del-Rei de Portugal, indo por Capitão-mor de quatorze naus que o dito Rei mandava a Calicute; e a caminho indo topou com esta terra e nela há muita gente sem cren-

ça, andam despidos homens e mulheres como suas mães os pariram, são mais brancos que pardos e têm o cabelo corredio. Foi descoberta esta terra na era de quinhentos".

CAVERI:

A uera cruz chamada per nome aquall achom pedaluares cabral fidalgo da casa del Rey de Portugal e aelle adescobrio indo por capitanio de XIIII naues que rey mandaua a calicut ie nel caracho induto por com esta terra aqual terra secrem esser terra firme em que ha muita gente de descricavam nuos omes e mulieres como suas mais os pariu sum mais brancos.

Isto é: "A Vera Cruz por este nome chamada, que achou Pedr'Álvares Cabral fidalgo da Casa do Rei de Portugal, e ele a descobriu indo por capitão de XIIII náus que o Rei mandava a Calicute, e no meio de caminho indo topou com esta terra a qual terra se crer ser terra firme em que há muita gente sem crença, nus homens e mulheres como suas mães os pariram, são mais brancos".

Se ambas as cartas fossem de fato de um só e único cartógrafo não estariam as legendas com ortografias diferentes. Nota-se perfeitamente que quem escreveu a de Cantino não é a mesma que escreveu a de Caverio.

No caso do Kunstmann II, temos o nome **agoadia**. Caligraficamente se parece com **agrodia** em cópias fotográficas impressas, enganando Duarte Leite, que preferiu enxergar nele um Santa Maria da **Agonia**! E o **rapida**? Certamente, rábida. Harrisse e Stevenson concilia-o com o Mosteiro franciscano de **Santa María de la Rabida** na Espanha, onde se hospedaram navegantes famosos, dentre os quais o Almirante Colón e Alonso Pinzón. Refuta-os, porém, Duarte Leite: "Semelhante despautério não lhes ocorreria se soubessem que o culto de Nossa Senhora da Arrábida já florescia em Portugal ao desabrochar do século XVI, sendo até mais antigo que na Espanha, se há por fé nas crônicas". O velhinho acertou. Na Espanha temos **San Carlos de la Rapita**, localidade na costa del Azahar (Mediterrâneo) e também **La Rabida** no golfo de Cádiz. Ainda no Kunstmann, já dissemos, o Cabo de Santo Agostinho tem a forma duma cabeça de baleia. O cosmógrafo Luís Teixeira (**Roteiro de todos os sinais na costa do Brasil**) observa: **virei correndo a costa para o norte, e terei aviso de que se vir alguas bareiras ao longo do mar em demãda do Cabo de Santo Agostinho veloei cortado e lançarse ao mar e faz hu focinho como de balea.**

Conheci no **Museu da América** em Madri dois trabalhos de Martin Waldssemuller. O de nome **AMERIKA** deve-se ao Pe. Jospeh

Fischer o seu achado na biblioteca do Príncipe de Wartegg em 1901. Planisfério elaborado no sentido cordiforme, colorido e contendo retratos de Ptolomeu e Vespucci, faz parte do **Atlas** de Fischer e Wieser, **Die Alterte Kart mit dem namen Amerika, 1507 unde die carta marina, 1506, des. Waldseemuller**, Innsbrok, 1903. Ele apresenta no Rio Grande do Norte um longo rio com o nome **S. Rochi** e um papaágio: **Rubey psitaci.** O documento do **Museu da América** é cópia documental de Carlos Sanz, como também o chamado **Carta Marina**, impresso por Juan Grieninger em Estraburgo. Exemplares da cópia de Carlos Sanz ornamentam salas do Ministério de Assunto Exterior. **A Carta Marina**, no parecer de Fischer, assemelha-se à de Caveri, mas sobremodo aumentada no interior.

Mapas muito singelos é o Kunstmann II, anônimo e sem data. Duarte Leite fixou-o em ano posterior a 1506. Levillier prefere 1513, alegando que o documento possui topônimos mais recentes. Não cabe, aqui discutir o problema, mas o Prof. Giuseppe Caraci em eterna guerra com Levillier nesses assuntos e adepto de Alberto Magnaghi refuta o autor platino: "não é permitido ir além do ano de 1506". E ainda: "os quatro topônimos postos em causa por ele eram conhecidos em Portugal pelo menos, uma dezena de anos antes de 1512".

No meu entender o esboço do Brasil compreende uma adaptação em velha carta de Pilestrine. Há uma série de "aranhas", todas colocadas em meio círculo, e a sexta, norte-sul, foi inutilizada para abrir espaço a alguns topônimos brasileiros. Pormenor, este, bem observável no **fac-símile** de Harrisse, **The diplomatic history of America**; tentativa quase inútil porque embora semi-apagada a "aranha", não foi possível nitidez para os topônimos, conforme se constata no **fac-símile** de E. L. Stevenson, **Maps ilustrating early discovery and exploratation in America**. Nesse mapa a novidade é o nome **Sta m datalaya** substituindo o **gracia** e o **agoadia** de Caveri e Kunstmann II. Por que atalaia? Osville Derby interpreta-o como uma torre de observação erguida na praia.

Já o mapa chamado **Hamy**, anônimo e sem data lembra o Kunstamann II, porém sem nomenclatura. Presumivelmente de 1502, foi achado por Ernest Théodore Hamy no espólio de um viajante inglês, Philip Parker King, conforme declara o próprio Hamy na **Notice sur une mappemonde portuguaise anonime** de 1502, Paris, 1887. O título dado à relíquia – **Charta Marina Portugallensium**, cedeu lugar ao de **King**, e, mais tarde, verificada a sua origem italiana passou a chamar-se **King-Hamy**. Embora bem delienada a costa do leste o mapa é praticamente desncessário ao nosso tema.

Notas

(1) No entender de Eugênio de Castro, **Corso** talvez seja dos pilotos Francisco e Pero Corso, companheiros de Estêvão Fróis. Th. Pompeu Sobrinho aceita-o, mas observemos o seguinte: Manuel Pimentel (**Arte de Navegar**) regista na Índia o **Cabo Corso** em 4º57'N, e o mesmo Reinel situa no Ceará outro nome indostânico, o **Monte Ely**, na verdade, **Delly** em mapas posteriores. O **Corso** cearense pode ser transposição daquele da Índia. Por exemplo: **Cabo de Espichel**, o Branco, na Paraíba, inspirado no **Espichel** de Setúbal em Portugal.

(2) Imaginar viagens impossíveis é pura perda de tempo ou então um passatempo como o de "encher linguiças". Exemplifique-se com aquela "realizada" entre as de 1501-2 e 1503-5 de que nos fala Jaime Cortesão. A única coisa sabida é que em junho de 1503 uma notícia correra em Sevilha sobre o regresso de quatro navios portugueses conduzindo silvícolas e madeiras. Nada mais. A notícia divulgada ligava-se, creio, a Gaspar de Lemos que voltou com duas caravelas, e não quatro, dando entrada no Tejo em 7 de setembro de 1502. As autoridades castelhanas souberam disso tardiamente. De fato, de acordo com a **Lettera**, Lemos andou cortando canafístula, tendo recolhido à bordo uns silvícolas para ensinar-lhes o idioma em Portugal. Quanto a Gonçalo Coelho, saído da Pátria em maio de 1503, seguia seu caminho para um encontro inesperado: Fernão de Noronha. Enfim, a aventura clandestina suscitada pelo historiador luso não passa de mera hipótese, num quase "boato da corte", inconseqüente, como também inconseqüente é o ponto de vista de Duarte Leite a respeito da descoberta da Ilha (**Quaresma**) antes de Gonçalo Coelho.

(3) O **Sãtarã** aparece em cópia manuscrita do mapa como sendo Santana. **Santarã = Santarém = Santa Irene.**

(4) Luzia, Lúcia e Luciana. Morreu sangrada na garganta por ordem do Prefeito Pascácio, de Siracura, capital da Sicília, no século II. Em 1040, elementos da quarta Cruzada removeram o corpo para a Itália, sepultando-o na Igreja venezeana de S. Jerônimo.

(5) Reinel assinala Cabo de S. Tomé e não a serra.

(6) O cartógrafo Luís Teixeira identifica o porto de Salvador como uma **banda de dêntro do cabo frio, onde ha húa grãde** (baía) **que se chama do Salvador aquem ou ao norte do dito Cabo / onde pode entrar naos e surgir/.** Em Reinel, se não estou enganado, trata-se de Macaé.

(7) **Sombreyro** é nome escrito alheiatoriamente, mas deve ser o Pão de Açúcar. O rochedo, muito alto e cônico tem a aparência duma copa de chapéu – **sombreiro.** Talvez mais um topônimo originário de Fernão de Magalhães ou de Caboto. O cosmógrafo Lutiz Teixeira diz: **Da barra deste Rio ao Susudueste está juto ao mar hu mõte mto alto que aos que o vem parece hum pão daSucar.** Li no **GUIA DO RIO** (de Janeiro) de 1975, turístico, português-inglês, esta beleza: Pão de Açúcar, palavra amerígena ou **paúnd-açuquã**, significa "ilhas altas e baixas e ponteagudas". O máximo que se pode admitir é um **paúnd-açuquã** como pronúncia viciada de "pão de açúcar", sem nada ter que ver com ilhas altas, baixas e ponteagudas...

(8) **Rio**, e não **baía** de Janeiro. Pedro Aguado referindo a Armada de 1501-2 escreveu: **los primeros dias de enero de 1502 entró en la bahia que llamaron Rio de Janeiro, por supor nela un estuario.** Em Reinel existe um "rio de janeiro" dentro da Baía, a meu ver o Surui. Rocha Pita, Monsenhor Pizarro de Araújo e o Conselheiro Baltazaer da Silva Lisboa dão o topônimo como ligado à idéia de **mes.**

(9) **R:. de janr** talvez seja equívoco do cartógrafo. Mais provavelmente, o rio Jordão. Este curso, em 1502 em Angra dos Reis, foi transferido posteriormente para a Guanabara. Diz Alonso de Chaves: o **Rio Jordan en la costa del Brasil estava junto ao Rio de Janeiro dentro de la grande baya.** Um rio perto do Surui, a meu ver o da Estrela. E quanto ao Rio de Janeiro diz o cartógrafo: **Este Rio de Janeiro esta dentro de vna grande Baya o ensenada que se hase con buletas en que entra este Rio e otros e asy dentro desta Baya muchas yslas e baxos.** Nada mais claro.

(10) Ilha de Santa Clara, a Grande, na Baía Grande (Angra dos Reis) ou **G:. dos Reys** em Reinel. Santa Clara, discípula de S. Francisco de Assis, comemorada em 12 de agosto. Teria o topônimo correlação com a ilha de São Roque, 16 de agosto, situada por Reinel muito ao norte do Cabo Frio?

(11) No Golfo de areia as três reentrâncias anônimas parecem representar: a primeira, do norte, a enseada da ponta de Itaipu; a do

meio, o rio Itanhaém; a do sul, o rio Guaraú.

(12) Grigório ou Gregório, um índio batizado? Um português?

(13) No map, **R:. de canenea**; em cópia, **cananea**.

(14) Não há nenhuma possibilidade de encaixar o Golfo do Reparo de Reinel na topografia da ilha de Santa Catarina. Na região há muitos nomes incompletos, ou seja, **Y:. de**, etc, com uma (sem desenho) chamada **y:. dos gayonazes**, e **y:. fragosa**. São topônimos incompletos e posicionados alheiatoriamente.

(15) O **G:. ondele vyo oba tel** quer dizer. "onde ele (quem?) viu o batel". Talvez episódios de Magalhães ou de Caboto.

(16) As serras de Santa da Pena. Nessa região há dois promontórios, um grande e um pequeno – Santa Marta. O da Carta de navegar dita de Alberto Cantino? Nossa Senhora da Pena tinha igreja entre as barlendas e a Serra de Sintra em Portugal, conforme Fr. Vicente do Salvador. Na Capela do Palácio de Sintra há um vitral em que se pinta a Virgem com o menino no braço e uma caneta na mão – **justiça**. Em Porto Seguro temos a igreja de Nossa Senhora da Pena edificada em 1535 e reedificada em 1773.
Na cartografia quinhentista portuguesa pululam lugares e nomes ainda hoje resistindo à teimosia identificadora. No mapa de Diego Ribeiro, de 1529, o das **legendas**, regista-se na costa do Uruguai um **R:. de Lixboa** e omite-se este nome no Maranhão da carta de Reinel. O do Uruguai corresponderia, assim, à viagem deste piloto ao Prata em 1514. Não obstante as muitas lacunas toponímicas nesses documentos quando confrontados pelo estudioso há casos de grande nitidez descritiva: os **picos fragosos** ou Serra dos Órgãos em Reinel. Luís Teixeira observa: **Terei aviso que estando em altura do Rio de Janeiro / hindo do Cabo frio pera elle, verei pella terra dentro huas serras mto altas como Orgãos hus altos / outros baixos / e vendoos direi que estou sobre o rio de Janeiro**. Aos órgãos chamamos hoje "Dedo de Deus", de 1.635 metros de altitude. Nos roteiros marítimos os pilotos reconheciam particularidades da terra **firme** tendo em vista esses pontos geográficos mais salientes.

(17) Leia-se, **p. e.**, Charles Vogel, **Le monde terrestre, au point actual de la civilization**, Tomo I, p. 62. Paris, 1877.